



PREVENÇÃO DE EVENTOS ADVERSOS: A PESQUISA FORTALECENDO AÇÕES DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Aline Omura¹; Lillian Denise Mai²; Suzei Helena Tardivo Barbosa³

RESUMO: A Central de Materiais de Esterilização (CME) é um conjunto de áreas destinadas à recepção e expurgo, preparo, limpeza e esterilização, guarda e distribuição de artigos médico-hospitalares para as unidades de estabelecimento de saúde. O despreparo do trabalhador ou o manuseio indevido do material durante e após o seu uso, na CME ou outras unidades, pode gerar Eventos Adversos (EAs), complicações indesejadas não atribuídas à evolução natural da doença de base. O presente trabalho tem como objetivo demonstrar o apoio e a aplicação de dados de pesquisa para a formulação de ações de caráter extensionista no tocante à prevenção de EAs. A metodologia envolveu a aplicação de dois questionários pré-elaborados, junto a 23 técnicos de enfermagem e 14 enfermeiros, de um hospital universitário, além da verificação do preenchimento das fichas de notificação de EAs. A partir dos dados produzidos pelo projeto de iniciação científica, está sendo elaborada uma proposta de educação permanente (EP) junto às unidades assistenciais, considerando-se os campos cognitivo, estrutural e operacional. Esta proposta busca unir a teoria com aspectos pertinentes à organização dos serviços, colocando em prática ações com alto potencial de resolutividade e eficácia. Conclui-se que mesmo com a EP, ainda há a necessidade de definição de responsabilidades, já que o hospital, como uma unidade integrada em saúde, possui relações de interdependência entre todos os setores de forma que o trabalho ou a falha de um, implica em consequências para o outro e/ou para o cuidado prestado ao usuário e a segurança do próprio profissional.

PALAVRAS-CHAVE: Artigos reprocessados; Educação permanente em saúde; Eventos adversos.

1 INTRODUÇÃO

A Central de Materiais de Esterilização (CME) é um conjunto de áreas destinadas à recepção e expurgo, preparo, limpeza e esterilização, guarda e distribuição de artigos médico-hospitalares para as unidades de estabelecimento de saúde (TIPPLE et al., 2005). O despreparo do trabalhador nesse setor, bem como o manuseio indevido do material durante e após o seu uso, implica em imperícia, negligência e/ou imprudência no tocante às atividades pertinentes ao serviço, colocando em risco a qualidade do atendimento prestado ao usuário (TIPPLE et al., 2007). Tal fato gera complicações indesejadas que,

¹ Acadêmica do curso de Enfermagem, da Universidade Estadual de Maringá - UEM, bolsista do grupo PET-Enfermagem (MEC/SESU). Maringá-Paraná. aline_omura@hotmail.com

² Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem, da Universidade Estadual de Maringá - UEM. Tutora do grupo PET-Enfermagem (MEC/SESU). Maringá-Paraná. ldmai@uem.br

³ Enfermeira Especialista em Enfermagem em Centro Cirúrgico pela USP e em Gestão Pública pelo INSEP, Enfermeira do Bloco Cirúrgico do HUM, Maringá/PR, e-mail shtbarbosa@uem.br

quando não atribuídas à evolução natural da doença de base, são definidos como Eventos Adversos (EAs) (GALLOTTI, 2004).

Com o propósito de garantir maior segurança aos pacientes, proporcionando um ambiente hospitalar o mais seguro possível, está sendo implementado, desde meados de 2009, um projeto de extensão junto ao Centro Cirúrgico e Central de Material e Esterilização (CME) de um Hospital Universitário, intitulado “Segurança do Paciente no Bloco Cirúrgico”. O foco da CME é o universo institucional relacionado ao uso de materiais reprocessados. Concomitante e atrelado a esse eixo, de forma a contribuir com a produção de dados pertinentes ao tema e subsidiar ações, o Projeto de Iniciação Científica (PIC), denominado “Eventos adversos e manuseio de artigos reprocessados no cotidiano das equipes de enfermagem de um hospital universitário”, com vigência de agosto de 2010 a julho de 2011, está em fase final de execução e teve como objetivo analisar o conhecimento e a conduta das equipes de enfermagem frente ao manuseio de artigos médico-hospitalares reprocessados e à ocorrência de EAs.

Considerando esses dois projetos, o presente trabalho tem como objetivo demonstrar o apoio e a aplicação de dados de pesquisa para a formulação de ações de caráter extensionista no tocante à prevenção de EAs. Justifica-se, pois o espaço universitário fomenta tanto a pesquisa quanto a extensão, e a primeira tem demonstrado ser um importante aliado por meio da produção de dados significativos sobre o cotidiano dos profissionais de enfermagem, cujo impacto social mostra-se na oferta de serviços de saúde com qualidade e seguros a todos os usuários.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa teve caráter exploratório, sendo a coleta de dados feita de agosto a dezembro de 2010, mediante a aplicação de dois questionários pré-elaborados, um junto às equipes de enfermagem das Unidades de Terapia Intensiva (UTI) adulto, neonatal e pediátrica, e outro, da Central de Material de Esterilização (CME). Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Universidade Estadual de Maringá, e do setor de Educação Continuada do hospital investigado, a aplicação do questionário foi feita durante o horário de trabalho, após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os sujeitos foram 23 técnicos de enfermagem e 14 enfermeiros, totalizando 37 entrevistados.

A coleta ainda contou com a verificação do preenchimento das fichas de notificação de EAs, tanto nas UTIs, quanto na CME, considerando-se os casos novos e antigos desde junho de 2010, período em que foram introduzidos os formulários nos respectivos setores. A verificação das notificações foi mensal, junto à enfermeira da CME, responsável pela coleta e controle desses dados.

A análise dos dados quantitativos seguiu a organização destes em tabelas, com o levantamento de frequência simples. Os dados qualitativos foram submetidos à análise de conteúdo, com as seguintes fases: pré-análise, exploração do material, tratamento dos dados com a organização sistemática dos mesmos em unidades temáticas e a construção de inferências e categorias significativas (BARDIN, 2008).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A vivência no projeto de extensão fez emergir a necessidade de uma proposta de assessoria em forma de Educação Permanente em Saúde (EPS) junto às unidades assistenciais, no tocante a EAs relacionados a materiais reprocessados. A partir dos dados de pesquisa, percebeu-se que essa proposta deverá conter os seguintes campos de atuação: campo cognitivo, campo estrutural e campo operacional. O que se espera

com esta proposta é unir a teoria com aspectos pertinentes à organização dos serviços, de forma a colocar em prática ações com alto potencial de resolutividade e eficácia.

A seguir, serão apresentados alguns exemplos, nesses respectivos campos, nos quais ocorre a interface entre a pesquisa e o planejamento de ações de extensão. Para tanto, foram utilizadas as respostas de apenas algumas das questões dos questionários, relacionadas a EPS. Primeiro, no campo cognitivo destaca-se a necessidade de definição dos conhecimentos necessários aos profissionais de saúde para o desenvolvimento de boas práticas em relação ao uso racional de materiais reprocessados, bem como a clareza quanto ao próprio conceito de EA. Verificou-se que a maioria dos profissionais (64,28%) conhecia a definição de EAs relacionados ao uso de artigos médico-hospitalares reprocessados, que pode ser representada pela categoria empírica “Reação inesperada frente ao uso de material reprocessado”. Fica evidente que EAs possui uma relação de objeto e consequência, apontando para a idéia de que o material (objeto) pode trazer algum dano (consequência), quando em más condições de apresentação ou de uso.

Os sujeitos que responderam à pergunta quanto ao conceito de EA foram apenas os funcionários lotados nas Unidades de Terapia Intensiva (UTI) Adulto, Pediátrica e Neonatal, totalizando 28 entrevistados, sendo 50% (14) enfermeiros e 50% (14) técnicos. Justifica-se porque nessas unidades já está sendo implantado o “Programa de notificação de eventos adversos”, em caráter de experiência, o qual compreende o preenchimento da ficha de notificação de eventos adversos, que tem por objetivo a descrição da ocorrência de algum evento adverso que dificulte ou que impossibilite a assistência qualificada e segura ao paciente em todos os setores do HUM, e é uma forma de avaliação do processo de trabalho realizado pela CME. A intenção é implantar esse programa em todos os setores do hospital, por isso, reveste-se de importância coletar dados de avaliação para identificar conhecimentos necessários e as dificuldades encontradas no período desde a sua implantação, em 2009.

Quando os dois grupos de entrevistados foram questionados se quanto a sugestões para a CME e os demais setores do Hospital quanto ao uso e manuseio correto de materiais reprocessados, emergiram aspectos que, no conjunto, compõem o campo estrutural no qual ações de EPS devem ser operacionalizadas e para os quais deve-se estar atento: 1. produção de lixo hospitalar e impacto ambiental (descarte de materiais descartáveis, distinção entre materiais reprocessados e descartáveis); 2, relação custo/benefício (perdas, estragos, abertura de embalagens sem uso, custo do reprocessamento); 3. impacto no processo de trabalho (racionalização do tempo, organização do setor, rotinas, eficiência, qualidade do cuidado, definição de (co)responsabilidades); 4. ocorrência de EAs (“Programa de notificação de eventos adversos”, riscos ocupacionais com material biológico).

Alguns depoimentos exemplificam essas necessidades de EPS: *“Acho que trabalhamos com poucos materiais reprocessados, o que ocasiona um acúmulo de lixo desnecessário prejudicando muito nosso meio ambiente”* (N1); *“Oferecer orientações para funcionários, alunos e internos sobre o que é material reprocessável e o que é descartável”* (C2). Evidencia-se a constante preocupação com o uso destes materiais e a orientação a todos os acadêmicos, também integrantes dos setores, característica inerente a um hospital escola. Teoricamente, há conceitos e instrumentos de trabalho, simbolizados pelo material reprocessado; praticamente, é no processo de trabalho que ocorrem as ações do cuidado, nas quais os materiais intermedeiam relações e demandam riscos.

A maioria dos profissionais sugeriu capacitações e treinamentos, entretanto, um depoimento diferenciou-se: *“Acho que dizer que falta orientação não é o caso, porque sempre que se adquire um material ou equipamento novo é feito um treinamento para uso dos mesmos. Sinceramente vejo que muitas vezes falta responsabilidade do profissional que manuseia o material e se falta orientação é por falta de interesse em aprender, e para*

esse problema não sei qual seria a solução. Conscientização, será???” (c7). Neste trecho, percebe-se o impacto no processo de trabalho de forma que a EPS vai além de capacitações e treinamentos, é preciso a definição de responsabilidades e a conscientização do trabalho que cada um deve exercer. A repercussão disso reflete-se no cotidiano, quando o setor fica organizado, as rotinas são respeitadas e o cuidado é prestado com qualidade.

Quando há lacunas nessa forma de se trabalhar, pode-se criar as condições adequadas para impactos negativos na saúde dos indivíduos, tanto dos usuários quanto dos próprios trabalhadores em saúde que, em nosso caso, são membros da equipe de enfermagem da CME. Isso se mostra na preocupações quanto ao descarte incorreto, que pode ser gerador de riscos ocupacionais, especialmente com referência aos seguintes materiais: “Presença de lixo no material, lamina de bisturi e outros” (c2); “Lixo, lâmina de Bisturi” (c6); “Lamina de Bisturi, sacos plásticos, água no umidificador, papel toalha” (c9). O resultado de ações incorretas e imprudentes após o uso de materiais reprocessados é grave, e inclui principalmente os acidentes no manuseio do artigo a ser reprocessado em função das condições não ideais vindas do setor, como: “Furei o dedo com agulhas” (c3), “Corte com lâmina de Bisturi” (c6, c8, c9). Essa prática equivocada, de envio de materiais perfuro-cortantes ao reprocessamento, remete ao cumprimento de responsabilidades e, o que é mais improvável neste caso, ao desconhecimento do que é descartável e do que é reprocessado, reforçando a importância de que qualquer ação de educação em saúde deve ser baseada na identificação da natureza do problema e ter uma meta clara a ser alcançada, no caso, a mudança de comportamento em relação ao assunto.

Ainda no campo estrutural, como uma ação já implantada nas UTIs, porém ainda não alcançada como uma prática efetiva, a ficha de notificação de EAs objetiva melhorias no serviço e redução dos riscos. Por isso, algumas questões foram dirigidas para ela, sendo que 53,57% dos funcionários têm conhecimento do formulário e, destes, 73,33% receberam orientação para o seu preenchimento. Esses dados mostram uma divulgação ainda ineficiente da ficha de notificação, o que pode interferir na relação dos setores com a CME. Outros fatores podem estar relacionados, como a rotatividade de funcionários e o não repasse adequado da informação. Não obstante, 78,57% relataram que o seu setor não utilizava estratégias de alerta ou capacitação para atuar em casos de ocorrência de EAs com artigos reprocessados.

Diante desse cenário, no terceiro campo, o campo operacional, é fundamental a definição de ações a serem executadas. A partir dos dados, estas podem incluir elaboração de material educativo (quadro distinguindo material reprocessado e descartável em cada setor), análise das condições estruturais da guarda e descarte nos setores e capacitações, treinamentos e orientações, com a definição clara das responsabilidades. Os depoimentos referidos são: “(...) Uma pessoa responsável nos expurgos” (c3); “(...) fazer um painel com todos os lixos que vem nos materiais do setor que vem para central: ‘Isso é lixo, não vem pra central’”(c8); “Revisão de materiais, alguns chegam quebrados ou montados erradamente” (A3).

4 CONCLUSÃO

A universidade cumpre o seu papel social quando possibilita mecanismos de interrelação entre suas diferentes ações. Produzir e articular dados de pesquisa científica para fortalecer e otimizar ações no campo da extensão, é uma parceria que se mostra bastante efetiva nesse sentido, confirmada pelos dados da presente exposição.

No trabalho em saúde, há diferentes categorias profissionais, em todos os turnos, cuja essência é a continuidade da assistência prestada. Um tema que perpassa a todos, indistintamente, é o uso de materiais reprocessados pela CME, o qual relaciona-se diretamente à segurança dos usuários atendidos nos serviços. Conclui-se que há a

necessidade de definição de responsabilidades e do papel que cada um deve exercer no seu setor, já que o hospital, como uma unidade integrada em saúde, possui relações de interdependência entre todos os setores. O trabalho ou a falha de um, implica em consequências para o outro, e, direta ou indiretamente, para o cuidado prestado ao usuário e a segurança do próprio profissional.

Uma assessoria de EPS voltada ao uso de materiais reprocessados deve considerar, no mínimo, três campos de atuação: o cognitivo, o estrutural e o operacional, cada qual com suas especificidades. Mesmo assim, não é possível garantir um ambiente hospitalar totalmente seguro. Mesmo com os limites e as muitas possibilidades de enfrentamento dessa problemática, acredita-se que é possível avançar e aperfeiçoar a qualidade do trabalho em saúde, de forma sistematizada e planejada, dentro de um processo contínuo de produção de dados e de avaliação das etapas já cumpridas e das que se almejam no futuro.

REFERÊNCIAS

GALLOTTI, R. M. D. Eventos adversos - o que são? **Revista da Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v.50, n.2, Jan. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302004000200008>. Acesso em: 10 jun. 2011.

TIPPLE, A. F. V. et al. Equipamentos de Proteção em Centros de Material e Esterilização: Disponibilidade, Uso e Fatores Intervenientes à Adesão. **Revista Ciência Cuidado e Saúde**, Maringá, v.6, n.4, p.441-448, 2007. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/viewFile/3877/2681>>. Acesso em: 07 jun. 2011.

TIPPLE, A. F. V. et al. Relato de Pesquisa: O Trabalhador sem Formação em Enfermagem Atuando em Centro de Material e Esterilização: Desafio para o Enfermeiro. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v.39, n.2, 2005. Disponível em: <<http://www.opas.org.br/gentequefazsaude/bvsde/bvsacd/cd49/20.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2011.